

# IMPACTOS DO *BURNOUT* EM PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS NO CONTEXTO DA PANDEMIA DE COVID 19

## *IMPACTS OF BURNOUT ON UNIVERSITY TEACHERS IN THE CONTEXT OF COVID'S PANDEMIC 19*

Keila de Sousa Leitão **1**  
Denise de Barros Capuzzo **2**

**Resumo:** Abordando o tema Síndrome de Burnout em professores, objetivou-se examinar quais os impactos da pandemia de Covid 19 no trabalho de professores universitários e possíveis implicações de esgotamento físico e mental. Assentado em perspectiva crítica, realizou-se revisão bibliográfica e documental. A Síndrome de Burnout é uma doença relacionada ao stress laboral, resultante de estressores, levando ao desgaste físico e emocional. Com a Pandemia do novo coronavírus (COVID 19) alguns dos estressores se acentuaram, como a jornada de trabalho excessiva, o pouco tempo de planejamento e adaptação do uso das tecnologias, aliado a desvalorização social, impactando a saúde mental dos docentes, aumentando os casos de Burnout. Percebe-se grande preocupação com a saúde física, no entanto, a saúde emocional é negligenciada. Destaca-se a importância de mudanças por parte do Estado, das instituições e do próprio professor, para que minimizem as consequências das exigências do mercado de trabalho que causam adoecimentos constantes.

**Palavras-chave:** Profissão docente. Saúde mental. Avanços tecnológicos. Pandemia.

**Abstract:** Addressing the theme of Burnout Syndrome in teachers, the objective was to examine the impacts of the Covid pandemic 19 on the work of university professors and possible implications of physical and mental exhaustion. Based on a critical perspective, a bibliographic and documentary review was carried out. Burnout Syndrome is a disease related to work stress, resulting from stressors, leading to physical and emotional stress. With the new coronavirus pandemic (COVID 19), some of the stressors were accentuated, such as excessive working hours, the short time for planning and adapting the use of technologies, coupled with social devaluation, impacting the mental health of teachers, increasing cases Burnout. A great concern with physical health is perceived, however, emotional health is neglected. The importance of changes on the part of the State, institutions and the teacher himself is highlighted, so that they minimize the consequences of the demands of the labor market that cause constant illnesses.

**Keywords:** Teaching profession. Mental health. Technological advancements. Pandemic.

## Introdução

É notório que a profissão docente se encontra entre as mais complexas, e não apenas pelas tensões pelas quais é permeada, mas também, pelos inúmeros papéis que este profissional precisa desempenhar em seu ambiente de trabalho. Ao professor é esperado que colabore com a formação de sujeitos capazes de enfrentar as incertezas e alterações constantes da sociedade, bem como precisa se esforçar para continuar aprendendo, uma vez que as mudanças, tanto sociais quanto dos conhecimentos, são muito rápidas (MENDES; BACCON, 2015).

Com tudo isso, pode-se observar com Carlloto (2002), que a profissão docente tem sofrido várias modificações de sentido ao longo dos tempos, indo desde uma profissão de fé, ligada às concepções da igreja, até o que se vê hoje, um profissional de certo modo moldado pelas exigências do capitalismo que adentrou os sistemas de ensino. Consequentemente levando ao aceleramento das transformações sociais e, também, das atividades docentes.

Quando se trata do professor universitário, é necessário observar as exigências feitas a ele. Visto que, além de atuar em sala de aula colaborando no processo de ensino aprendizagem dos alunos, deve atentar-se para o tripé da educação, em especial da educação superior que é: o ensino, pesquisa e extensão.

Além de atuar em sala de aula na graduação, na pós-graduação, precisa produzir pesquisas para publicações, seja de forma individual, seja orientando alunos. Fazendo com que este professor muitas vezes precise renunciar a cuidados pessoais, momentos de lazer ou tempo com a família, para cumprir com suas obrigações docentes.

Aliados a essa jornada exorbitante, há outros fatores, como limitações, sejam físicas, emocionais, sociais, desvalorização da categoria, salas de aula superlotadas e mesmo indisciplina dos alunos. A consequência disto é a sobrecarga física e emocional, que tem levado aos professores a desenvolver algumas síndromes, dentre as quais destacamos a *Síndrome de Burnout*. Compreendida como um fenômeno psicossocial resultante do estresse excessivo relacionado ao trabalho. (CARLLOTO, 2011).

Com a pandemia do novo coronavírus (COVID 19), que se instaurou no mundo no início de 2020, e a autorização do Ministério da Educação (MEC) para que instituições de ensino superior substituam as disciplinas presenciais por aulas remotas, utilizando tecnologias de comunicação e informação (BRASIL, 2020), alguns dos estressores que levam os professores ao *Burnout* foram minimizados, como é o caso das salas superlotadas, mas outros se acentuaram, se observadas a incorporação de suas práticas nas tecnologias disponíveis, bem como o pouco tempo de preparo para utilizá-las, ampliando a jornada de trabalho. Além disso, esse profissional precisa lidar com as mudanças de seu ambiente de trabalho, tendo que reprogramar toda sua rotina, realizar mudanças em sua casa para conseguir conciliar suas atividades docentes com a presença da família em seu ambiente doméstico. A partir desse raciocínio, problematizamos a respeito dos impactos da *Síndrome de Burnout* no trabalho de professores universitários em contexto de pandemia.

Temos, então, por objetivo, examinar os impactos da pandemia de Covid 19 no trabalho de professores universitários e possíveis implicações de esgotamento físico e mental. Para tanto, seus objetivos específicos são: apontar os desafios do trabalho docente no ensino superior na sociedade contemporânea; conceituar a *Síndrome de Burnout* e seus estressores; realçar os impactos decorrentes do *Burnout* em professores em contexto de pandemia.

Este estudo se torna relevante à medida que visa fomentar as investigações sobre os problemas de saúde dos professores em decorrência do estresse laboral. Buscando assim, possíveis alternativas, que possam minimizar situações de adoecimento desses profissionais.

Assentados em perspectiva crítica (TRIVINÕS, 2009), realizamos revisão bibliográfica e documental (CRESWELL, 2007; GIL, 2008). Quanto à organização deste artigo, além da introdução, o dividimos em quatro partes: Trabalho de professores universitários: desafios na sociedade contemporânea; Conceituando a *Síndrome de Burnout*; Estressores do *Burnout*; *Burnout* em professores universitários: realçando os impactos da pandemia.

Na primeira, apontamos os desafios do trabalho docente na sociedade contemporânea, norteadas pelo sistema capitalista. Na segunda, abordamos o conceito da *Síndrome de Burnout*,

destacando suas dimensões, e incidência em professores, bem como enfatizamos a necessidade estudá-la. Na terceira, destacamos os principais estressores que levam ao *Burnout*, em especial os pontos de desequilíbrio entre o sujeito e o trabalho, geradores do desgaste físico e emocional. Na quarta, o enfoque é para os impactos do *Burnout* em contexto de pandemia. Por fim, as considerações finais e referências.

## **Trabalho de professores universitários: desafios na sociedade contemporânea**

A palavra trabalho possui diversas significações, dentre as quais “conjunto das atividades humanas empregado na produção de bens” (AULETE, 2013, p. 606). Nessa mesma perspectiva, Frigotto (2002, p. 12) diz que o trabalho

é condição constitutiva da vida dos seres humanos em relação aos outros. Mediante isso, o trabalho transforma os bens da natureza ou os produz para responder, antes de tudo, as suas múltiplas necessidades.

Nesse sentido, compreendemos que o trabalho não é opção, mas sim obrigação para sobrevivência, seja ela almejando um conforto, uma melhoria de status social, seja apenas como forma de atender as necessidades básicas biológicas e culturais. No entanto, sob a égide do capitalismo

o trabalho, a ciência e a tecnologia [...] deixam de ter centralidade como valores de uso e de respostas às necessidades vitais de todos os seres humanos. Sua centralidade fundamental transforma-se em valor de troca com o fim de gerar mais lucro ou mais capital (FRIGOTTO, 2002, p. 16).

É em meio a essa multiplicidade de sentidos, que se encontra o trabalho do professor universitário. Além disso, as modificações pelas quais a sociedade tem passado interferem no trabalho docente, tais como

a evolução e a transformação dos agentes tradicionais de socialização (família, ambiente cotidiano e grupos sociais organizados); aparecimento de novos agentes de socialização (meios de comunicação e consumo cultural de massas, etc.), que se converteram em fontes paralelas de informação e cultura; o conflito que se instaura nas instituições quando se pretende definir qual é a função do professor, que valores, dentre os vigentes em nossa sociedade, o professor deve transmitir e quais deve questionar (CARLLOTO, 2002, p.22),

Nessa nova forma de organização social e educacional “A função do professor universitário tem se ampliado [...] exige-se do professor maior articulação com a comunidade, ampliação de seus conhecimentos e formação constante” (FARIA; CAMARGO, 2020, p.63). Porém, “não se trata somente da necessidade de atualização contínua, mas sim da renúncia a conteúdos e a um saber que vinha sendo de seu domínio durante anos” (CARLLOTO, 2002, p.23).

Com tudo isso “difunde-se o surgimento de um novo ser humano: forte, intelectual, interativo, criativo, que tenha iniciativa, versátil, flexível e que demonstre domínio e competência emocional” (LIMA; LIMA-FILHO, 2009, p.75).

Desta forma, “o professor aproxima-se do trabalhador, do proletário. Alienado do produto do seu trabalho, passa a vender a força de trabalho, produzindo em série, em interminá-

veis jornadas de esforço". (*idem*, p.69).

Outro fator relacionado às políticas capitalistas que tem interferido no trabalho dos professores universitários, por causar insegurança trabalhista e falta de autonomia, de acordo com Lima e Lima-Filho (2009, p.63) é,

a ameaça pura e simples de privatização. São as leis do mercado tornando-se cada vez mais presentes nas relações das instituições educacionais. Assim, assistimos a um deterioramento das condições de trabalho dos docentes que tem provocado mudanças em sua atuação e função social.

Para Magalhães (2013, p.61)

por meio da aproximação cada vez maior da compreensão da educação superior como um serviço, e não como um bem público e um direito, impactam diretamente no trabalho do professor, retirando sua autonomia quanto ao ensino, à pesquisa e à extensão.

Assim,

estão postas as condições de trabalho do professor universitário hoje, com as pressões e as demandas que tornaram tais condições diversas e adversas. Instituiu-se a fragmentação de suas múltiplas atividades, o que foi intensificado nos últimos anos de modo exacerbado. Ser professor no ensino superior passou a exigir muito mais tempo, uma vez que, assim como os outros trabalhadores, os professores tiveram ampliadas suas demandas de trabalho, seja em relação à atividade de docência, seja em extensão ou pesquisa (*idem*, p.62).

Logo, este profissional precisa se dividir entre a sala de aula, que normalmente acontece na graduação e nos programas de pós-graduação, suas atividades de pesquisa e produção científica para publicizações, suas responsabilidades sociais e familiares, e lazer. Sendo que as últimas são diversas vezes deixadas em último plano. Como disse Lima; Lima-Filho (2009, p.70),

o aumento da produção científica docente vem sendo bastante estimulado pelas instituições reguladoras da pós-graduação e de fomento à pesquisa (CAPES, CNPq e congêneres nos estados). Para os professores isso se torna importante tanto para conseguir se manter em programas de pós-graduação, como para conseguir financiamentos para pesquisas. Dessa forma, a busca quase "frenética" de aumento da produção acaba desenvolvendo certa competição entre os próprios professores, levando-os ao cansaço, estresse e, muitas vezes, à frustração.

Segundo Mancebo; Sguissardi (apud, MAGALHÃES, 2013, p.64),

configurou-se no país um modelo de ensino superior gerencialista, neoprofissional, heterônomo e competitivo, cujos princípios se alicerçam na lógica empresarial do mercado econômico. Tal modelo desloca a educação do patamar de serviço (que já havia sido deslocada do patamar de bem cultural de direito) e a coloca no rol das mercadorias.

Como disse Carlloto (2002, p.23), “a escola, como instituição social, vive hoje uma grave crise, consequência da própria crise em que vive a sociedade e o Homem”. É preciso que haja uma mudança urgente nessa realidade, pois “se não forem compreendidas como as tensões e as contradições que estão presentes no campo da formação universitária se materializam no trabalho do professor do ensino superior, teremos sérios problemas no campo da docência universitária” (MAGALHÃES, 2013, p.66).

Em suma, percebemos que estes profissionais estão enredados em todas as contradições pelas quais a sociedade tem passado, em especial quando se leva em consideração todas as exigências que o sistema capitalista tem imposto ao ambiente laboral, nos diferentes contextos, levando esta categoria ao adoecimento físico e mental, o *Burnout*.

### Conceituando a *Síndrome de Burnout*

Com a expansão do capitalismo acelerou, também, o desenvolvimento das tecnologias. O que deveria ser benéfico à sociedade, no entanto, como disse Cooper (2010, p.03, *grifos da autora*), com a

globalização, a privatização, a reengenharia de processos, fusões e aquisições, alianças estratégicas, joint ventures e coisas do gênero [...] as tensões começaram a surgir e o conceito de “burnout” (nível devastador do stress) uniu-se a de “títulos de alto risco”, “pacotes de software”, e “e-mail.

Ou seja, “as novas tecnologias, ao invés de serem nossas redentoras, acrescentaram o fardo da sobrecarga de informações, [...] à medida que maior velocidade de resposta [...] torna-se a expectativa padrão” (*idem*, p.03). Com isso, vem também, a sobrecarga física e emocional, o que tem levado a um crescente adoecimento.

Dentre estas perturbações se destaca a *Síndrome de Burnout*, classificada como doença decorrente do estresse laboral, em 2019, pela Organização Mundial da Saúde (OMS) com a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID) 11, para entrar em vigor a partir de 2022 (PITTA, 2019).

A incidência dessa síndrome, em professores, foi verificada pelas pesquisadoras Christina Maslach e Susan Jackson em 1978, a partir da elaboração do *Maslach Burnout Inventory* (MBI), o primeiro instrumento a ser criado para verificação dos fatores que desencadeiam a *Síndrome de Burnout*, e amplamente utilizado nas avaliações dos profissionais das mais variadas áreas, as quais possam ser acometidas dessa síndrome (LIMA; OLIVEIRA; SILVA; EMÉRITO, 2009).

*A Síndrome de Burnout,*

traduzido para o português, Burn (queima) e out (para fora), significando perder o fogo, perder a energia ou queimar para fora. Em sua origem inglesa é denominada como aquilo que deixou de funcionar por absoluta falta de energia, ou seja, é aquilo, ou aquele, que chegou ao seu limite, com grande perda em seu desempenho físico e/ou mental (TRIGO; TENG; HALLAK *apud* CORRÊA, 2016, p. 32).

Diretamente relacionada ao estresse laboral, com maior prevalência em profissionais que lidam diretamente com outras pessoas, onde há uma forte ligação emocional, (CARLLOTO, 2002). “É uma síndrome através da qual o trabalhador perde o sentido da sua relação com o trabalho, de forma que as coisas já não o importam mais e qualquer esforço lhe parece ser inútil” (CODÓ; VASQUES-MENESES, 1999, p.258). É um “Estresse de caráter persistente vinculado a situações de trabalho, resultante da constante e repetitiva pressão emocional associada com intenso envolvimento com pessoas por longos períodos de tempo” (CARLLOTO, 2002, p.21).

Todavia, diferencia-se a Síndrome de *Burnout* do stress cotidiano, à medida que,

mais do que um estado de espírito, o stress é a reação do indivíduo a uma adaptação e pode causar um conjunto de sintomas – físicos, psicológicos e comportamentais. Mas, diferentemente do que se acredita, não dá para acabar com o stress. Nem ele é um mal a ser combatido. Ele é necessário para mobilizar as pessoas, dar uma certa dose de garra para alcançarem seus objetivos. (ROSSI, 2010, p. xi).

Enquanto para Carlloto (2011, p.404), a Síndrome de *Burnout* é,

[...] um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional. A Exaustão Emocional caracteriza-se por uma falta ou carência de energia e um sentimento de esgotamento emocional, sendo sua maior causa a sobrecarga de trabalho. A Despersonalização ocorre quando o profissional passa a tratar os clientes, os colegas e a organização de forma distante e impessoal. Por fim, a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa, sentindo-se insatisfeito com seu desenvolvimento profissional, experimentando um declínio no sentimento de competência e na sua capacidade de interagir com as pessoas [...].

Desta forma, fica evidente a necessidade de se conhecer mais sobre esta síndrome, uma vez que se o professor for acometido das dimensões em destaque irá comprometer sua ação em sala de aula, e mesmo sua forma de lidar com os educandos. Observando que, muitas vezes ele precisa lidar com emoções e sentimentos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que tem inúmeras regras e objetivos a seguir, precisa ser flexível e acolhedor com seus alunos, que frequentemente necessitam de seu apoio em âmbitos pessoais.

Destacamos que, por ser um tema em ascensão, nas pesquisas, consultórios médicos e psiquiátricos, há muitas dúvidas, dificuldades de diagnósticos e críticas, por vezes comparando a *Síndrome de Burnout* a um simples modismo da sociedade contemporânea. Nesse sentido, concordamos com Codo; Vasques-Meneses, (1999, p. 259), quando dizem que “as modas não são fortuitas, respondem de alguma forma às demandas sociais, dirigem os olhos do pesquisador para os tempos em que vive”. Ou seja, é uma forma de chamar a atenção para determinado tema, neste caso o adoecimento relacionado ao estresse laboral. Os autores continuam dizendo que,

a teoria do stress não coincidiu simplesmente com a explosão de produção e consumo que se seguiu ao acordo de Bretton Wood; a produtividade a qualquer custo em que o mundo se envolveu atriava quotidianamente o ser humano e os seus próprios limites. A teoria do *Burnout* também não surge por acaso, teoria que se dispõe a compreender as contradições da área de prestação de serviços, exatamente quando a produção do setor primário descamba e o setor terciário vem tomar seu lugar. A teoria do ser humano solitário, na época em que parece se esvanecer a solidariedade; a ênfase na despersonalização quando a ruptura dos contratos sociais parecem ter eliminado a pessoa. (CODO; VASQUES-MENESES, 1999, p. 260).

Assim sendo, estudar esta síndrome é tentar compreender as relações de trabalho e o desgaste decorrentes dele, o qual tem levado inúmeros profissionais a se afastar de seus afazeres, por se sentir esvaziado de capacidades e habilidades para continuar exercendo suas funções. Decerto, “ao nomear o que sentimos podemos lidar com o que sentimos, podemos entendê-lo, enfrentá-lo, saber dos seus limites” (*idem*, p. 261).

### Estressores do *Burnout*

Lima; Oliveira; Silva; Emérito (2009, p. 02), destacam que,

os desgastes físico e emocional, que caracterizam a Síndrome de *Burnout*, têm suas origens nos seis pontos de desequilíbrio entre os indivíduos e seus trabalhos: excesso de trabalho, falta de controle, remuneração insuficiente, colapso da união, ausência de equidade e valores conflitantes.

Analogamente, Maslach (2010) fala sobre estes desequilíbrios como aspectos-chave do ambiente organizacional, fatores de risco para a *Síndrome de Burnout*, os quais se distendem em: sobrecarga de trabalho; falta de controle; recompensas insuficientes; ruptura na comunidade; falta de justiça; e conflitos de valor, sendo que:

- Sobrecarga de trabalho – As pessoas com sobrecarga de trabalho frequentemente sentem um desequilíbrio na carga entre seu trabalho e sua vida doméstica também. Por exemplo, elas podem ter que se sacrificar o tempo com a família ou suas férias a fim de concluir seu trabalho [...];
- Falta de controle – A falta de controle no trabalho pode resultar de uma série de fatores. Os empregados que são microgerenciados e que não têm permissão de usar sua própria sabedoria ou experiência para tomar decisões sentirão que não possuem muito arbítrio pessoal e autonomia em seu trabalho. Eles podem sentir que estão sendo responsabilizados por algo sobre o que não têm controle [...];
- Recompensas insuficientes – As recompensas-padrão que as pessoas imaginam são o salário, benefícios ou “vantagens” especiais. No entanto, em muitos casos as recompensas mais importantes envolvem o reconhecimento. É muito importante para as pessoas que alguém note o que elas fazem e que alguém se importe com a qualidade de seu trabalho [...];
- Ruptura na comunidade – Se as relações de trabalho estão indo bem, há bastante apoio social e os empregados têm uma maneira eficaz de resolver as desavenças. Mas, quando há uma ruptura na comunidade e não há outro apoio, há uma verdadeira hostilidade e concorrência, o que dificulta a resolução dos conflitos [...];
- Falta de justiça – A percepção de que não há justiça e igualdade no local de trabalho é provavelmente o melhor preditor da dimensão ceticismo no *burnout*. Raiva e hostilidade podem ocorrer quando as pessoas sentem que não estão sendo tratadas com o respeito que vem de um tratamento justo. Mesmo incidentes que parecem insignificantes ou triviais podem, se sinalizarem um tratamento injusto, gerar emoções intensas e ter uma grande importância psicológica [...];
- Conflitos de valor – Os conflitos de valor surgem quando as pessoas trabalham em uma situação na qual há um conflito entre os valores pessoais e da organização. Sob tais circunstâncias, os empregados podem ter que lutar com o conflito entre o que querem fazer e o que têm que fazer.

Reiteramos que, com o avanço das tecnologias que em tese deveriam facilitar a vida, permitindo o acesso a diversas informações, e até mesmo a compra do supermercado, tornou-se um estressor do *Burnout*, à medida que tem levado as pessoas a se isolarem, dificultando os encontros presenciais com amigos para o alívio de stress e tensões diárias. O resultado é que todas essas tensões não compartilhadas, não extravasadas, vão se acumulando diariamen-

te, conseqüentemente chega um momento em que o sujeito não suporta mais, e então surge a *Síndrome de Burnout*.

Estes encontros, também denominados de suporte social, de acordo com Vasquez-Menezes; Soratto (1999, p. 293),

se refere à rede social que se estabelece naturalmente entre colegas de trabalho, vizinhos e conhecidos. É a conversa morna e inútil que se trava em um bar, o “jogar conversa fora” como que se diz, os amigos que se reúnem para assistir ao futebol, o vizinho que empresta uma xícara de açúcar, a eterna promessa de andar pelo parque no final de semana, o joguinho de buraco às noites, em casa, ao som do estalar de batatas fritas. Coisas banais, contatos sociais que não se planejam, que parecem acontecer ao sabor dos humores de cada dia.

Trata-se de um apoio, seja para ajudar a resolver os problemas, seja apenas para desabafar, expurgar os estresses acumulados diariamente.

### ***Burnout* em professores universitários: realçando os impactos da pandemia**

Mediante todas essas mudanças pelas quais a sociedade tem passado, e sob a égide do capitalismo “a educação passou a ser um produto a mais entre os muitos a serem consumidos” (MAGALHÃES, 2013, p.64). O espaço educacional passa a se pautar pela lógica mercantil, e palavras como produtividade, eficiência e eficácia afetam a escola, a universidade, os alunos e os professores.

Neste movimento há uma redução da amplitude de atuação do trabalho, as tarefas de alto nível são transformadas em rotinas, existindo uma maior subserviência a um conjunto de burocracia. Também há menos tempo para executar o trabalho, menos tempo para atualização profissional, lazer e convívio social e poucas oportunidades de trabalho criativo. (CARLLOTO, 2002, p.25-26).

Segundo Soratto e Pinto (2009) trabalhos rotineiros e repetitivos são altamente desgastantes e responsáveis por altos níveis de carga mental, conseqüentemente,

a carga mental é característica do trabalho fragmentado, alienado, incapaz de ser portador de prazer para quem o realiza, trabalho que parece vazio, que esvanece o trabalhador, aquele que o trabalhador dificilmente consegue perceber a importância ou mesmo o seu lugar, a sua marca no produto. (*idem*, p.313).

Santos (2012, p.241), chama a atenção para o fato de que

nesse caso, o trabalho alienado do docente poderá descaracterizar a prática educativa, comprometer a qualidade do ensino e, com o tempo, alterar o significado do papel social de professor.



Com tudo isso, o *Burnout* é eminente, visto que é resultante destes desgastes físicos e emocionais. Despertando preocupação, pois “as consequências do *Burnout* em professores não se manifestam somente no campo pessoal-profissional, mas também trazem repercussões sobre a organização escolar e na relação com os alunos” (CARLLOTO, 2002, p.27), considerando que o professor é um dos responsáveis pela relação com os educandos, com as famílias dos educandos e, também, do contato destes com as demais áreas da escola, tais como equipe gestora, secretarias, entre outras.

A autora complementa, dizendo que

o professor acometido pela síndrome tem dificuldade de envolver-se, falta-lhe carisma e emoção quando se relaciona com estudantes, o que afeta não só a aprendizagem e a motivação dos alunos, mas também o comportamento destes. (*idem*, p.27).

No atual momento, além dos estressores já delineados, e ousamos dizer mais preocupante, surge a pandemia do novo coronavírus (COVID-19), que se instaurou no mundo no início de 2020 (FARO; BAHIANO; NAKANO; REIS; SILVA; VITTI, 2020). Afastando, ainda que não apenas os professores, mas a eles também, de seus amigos, familiares, e mesmo do ambiente natural de trabalho, a sala de aula, colocando-os mais uma vez à mercê das tecnologias de informação e comunicação, tendo em vista que as atividades docentes nas instituições de ensino superior precisaram ser remanejadas para os ambientes virtuais, de acordo com as orientações do MEC, como veremos,

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, [...], resolve: Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, de que trata o art. 2º do Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017. (BRASIL, 2020).

Contudo, observamos que a maioria dos docentes não tinha experiência com esta modalidade de ensino, possuía pouco ou nenhum equipamento necessário para o desenvolvimento dessas aulas, bem como pouco tempo para se preparar e planejar essa nova forma de trabalho, elevando o grau de estresse, fadiga e exaustão.

Assim, corroboramos com Freire; Rodrigues; Urt (2020, p.02, *grifos das autoras*), quando dizem que

o momento atual despontou uma crescente desvalorização deste profissional e uma enxurrada de críticas indevidas pelos mais diversos motivos. Facilmente nos deparamos com comentários pejorativos que se dirigem ao professor como alguém que hoje “recebe o salário sem trabalhar”, ou como, “ganha para ficar em casa”. Esses comentários apontam a falta de reconhecimento e empatia em relação ao trabalho docente.

Nessa mesma concepção, Leitão e Capuzzo (2019, p. 04), observam que,

não visualizamos no contexto educacional brasileiro essa valorização profissional, o que podemos perceber é uma

exigência exacerbada de cumprimento de metas que visam tão somente uma preparação para o trabalho, tornando a educação uma mercadoria e o trabalho do professor uma corrida desenfreada para acompanhar as exigências mercadológicas, desencadeando assim, o adoecimento desses professores, por não encontrarem sentido em seu trabalho e não perceberem resultados satisfatórios ao seu esforço laboral, bem como pela desvalorização sobre a carreira, e pelas enormes exigências de produtividade sobre as quais precisam trabalhar.

Com tudo isso, percebemos que o período pandêmico escancarou, também, o pouco empenho das esferas superiores em manter a sociedade informada sobre a atuação destes profissionais, causando insegurança para os docentes quanto ao desenvolvimento de seu trabalho, e desinformação para a população. Assim, destacamos que,

a pandemia de forma explícita tem delatado essa (des)empatia ao trabalho docente e nas relações sociais como um todo e reforçamos, por outro lado, o quanto a educação voltada para o desenvolvimento afetivo, humanizador e empático é imprescindível ao sujeito e sua constituição para que se possa viver em sociedade. (FREIRE; RODRIGUES; URT, 2020, p.03).

Destarte, observamos que houve uma grande chamada para cuidados físicos nesse período, no entanto a saúde mental foi negligenciada. Assim sendo, reiteramos que os impactos do *Burnout* são inúmeros e não afetam apenas ao professor, mas a comunidade em um todo, portanto é imprescindível uma atenção à saúde emocional destes profissionais, tendo em vista que

não se pode minimizar as repercussões psicológicas que o cenário geral da pandemia causa sobre indivíduos em particular, grupos com características de vulnerabilidade específicas e a sociedade como um todo, visto que o impacto na saúde mental, muitas vezes, se torna um fator notavelmente limitante para que o próprio país supere uma crise. (FARO; BAHIANO; NAKANO; REIS; SILVA; VITTI, 2020, p.17).

Assim sendo, destacamos a necessidade de um olhar mais atento para este aspecto da vida, e essa atenção precisa partir do próprio sujeito, mas não apenas dele, é necessário que o Estado implemente ações de cuidados mentais, a todos os profissionais que lidam diretamente com outras pessoas, em destaque os professores universitários.

## **Considerações Finais**

Ao buscarmos compreender quais os impactos da *Síndrome de Burnout* no trabalho de professores universitários em contexto de pandemia, observamos que o *Burnout* é uma doença relacionada ao stress laboral, ocorrendo em especial em profissionais que lidam diretamente com outras pessoas, resultante de estressores, os quais levam ao desgaste físico e emocional.

Constatamos que o trabalho do professor universitário, requer deste profissional um esforço muito grande, pois, ao mesmo tempo em que atua na sala de aula com alunos da graduação e dos programas de pós-graduação, ainda precisa orientar alunos, bem como produzir conhecimentos a partir de pesquisas e publicações científicas.

Com pandemia do novo coronavírus (COVID-19) alguns dos estressores se acentuaram, como é o caso da jornada de trabalho excessiva, bem como o pouco tempo de planejamento e adaptação do uso das tecnologias, aliado a desvalorização social, impactando a saúde mental dos docentes, aumentando os casos de *Burnout*.

Além disso, percebemos uma grande preocupação com a saúde física, no entanto, a saúde emocional é negligenciada. Desta forma, destacamos a importância de mudanças por parte do Estado, das instituições e do próprio professor, para que se minimizem as consequências das exigências do mercado de trabalho que causam adoecimentos constantes.

## Referências

AULETE, C. **Aulete de bolso**: dicionário da língua portuguesa. Porto Alegre, RS. L&PM. Rio de Janeiro. Lexicon, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria Nº 343, de 17 de março de 2020**. Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus - COVID-19. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-343-de-17-de-marco-de-2020-248564376>. Acesso em: 05. Jan. 2021.

CARLOTTO, M. S. A síndrome de *burnout* e o trabalho docente. São Leopoldo – RS. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v7n1/v7n1a03.pdf>. Acesso em: 15 Jan. 2020.

CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout em Professores: Prevalência e Fatores Associados. São Leopoldo – RS. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Vol. 27 n. 4. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722011000400003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722011000400003). Acesso em: 03. Jan. 2021.

CODO, W.; VASQUES-MENEZES, I. O que é Burnout? In: CODO, W.. **Educação: carinho e trabalho**. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

COOPER, C. L. A natureza mutante do trabalho: o novo contrato psicológico e os estressores associados. In: ROSSI, M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional**. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

CORRÊA, L. Á. dos S. **Síndrome de Burnout: um estudo com docentes** de Universidade Pública do Maranhão. Dissertação Mestrado Profissional em Administração. Pedro Leopoldo. FPL, 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572003000200004&script=sci\\_abstract&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-85572003000200004&script=sci_abstract&lng=pt). Acesso em: 15 Jan. 2020.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. Artmed, Porto Alegre, 2007.

FARIA, P. M. F. de; CAMARGO, D. de; Emoção, saúde e docência no ensino superior: reflexões sob a perspectiva histórico-cultural. In: FARIA, P. M. F. de; CAMARGO, D. de; VENÂNCIO, A. C.L. (Orgs.). **Vigotski no Ensino Superior: concepção e práticas de inclusão**. Porto Alegre, RS. Editora Fi, 2020.

FREIRE, S. S. A.; RODRIGUES, A. F.; S. da C. U. **A (des) empatia emergida e denunciada em tempos de pandemia: os dissabores vivenciados pelo professor**. XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO). 2020. Disponível em: [http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/24/7329-TEXTO\\_PROPOSTA\\_COMPLETO.pdf](http://anais.anped.org.br/regionais/sites/default/files/trabalhos/24/7329-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf). Acesso em: 16 Jan. 2021.

FARO, A.; BAHIANO, M. de A.; NAKANO, T. de C.; REIS, C.; SILVA, B. F.P. da; VITTI, L. S. COVID-19 e saúde mental: A emergência do cuidado. **Estudos de Psicologia**. vol.37 Campi-

nas, 2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100507](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507). Acesso em: 11. Jan. 2020.

FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO, G.; CIAVATTA, M. (orgs). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.

GIL, A. C.. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo. Atlas, 2008.

LEITÃO, K. de S.; CAPUZZO, D. de B. **Síndrome de Burnout, formação de professores e sua desvalorização: uma possível relação**. Anais do IV Seminário Nacional da Rede MAPA. Rosilene Lagares (coordenadora). – Joaçaba, SC:Unoesc, 2019. Disponível em: [https://scholar.google.com/scholar?rlz=1C1GCEA\\_enBR765BR765&um=1&ie=UTF-8&lr&q=related:7wllhhszQuL4gM:scholar.google.com/](https://scholar.google.com/scholar?rlz=1C1GCEA_enBR765BR765&um=1&ie=UTF-8&lr&q=related:7wllhhszQuL4gM:scholar.google.com/). Acesso em: 20 Jan. 2021.

LIMA, M. de F. E. M.; LIMA-FILHO, D. de O. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. **Ciências & Cognição, Vol 14**. Campo Grande, Mato Grosso do Sul. 2009. Disponível em: <http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/253>. Acesso em: 15. Jan. 2020.

LIMA, C. F. de O.; JOSÉ A. de; SILVA, É. S. da; EMÉRITO, A. de P. **Avaliação Psicométrica do Maslach Burnout Inventory em profissionais de enfermagem**. II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho. Curitiba-PR. 2009. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR156.pdf>. Acesso em: 15. Jan. 2020.

MAGALHÃES, S. M. O. Trabalho, Pesquisa e Ensino: Tensões e desafios para a Docência no Ensino Superior. **Psicologia: Ensino & Formação**. 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2177-20612013000100005](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612013000100005). Acesso em: 15. Jan. 2020.

MASLACH, C.. Entendendo o *burnout*. In: ROSSI, M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional**. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

MENDES, T. C.; BACCON, A. L. P. **Profissão docente: o que é ser professor?** XII Congresso Nacional de Educação. Educere. PUCPR, 2015. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17709\\_7650.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/17709_7650.pdf). Acesso em: 02. jan. 2021.

PITTA, M. Síndrome de *Burnout*: esgotamento profissional também é doença. In: **ComTempo**. 6 ed. 2019. Disponível em: <https://revistacomtempo.com/2019/07/28/sindrome-de-burnout-o-esgotamento-profissional-tambem-e-doenca/>. Acesso em: 10. Jan. 2021.

ROSSI, M.; PERREWÉ, P. L.; SAUTER, S. L. (orgs.). **Stress e qualidade de vida no trabalho: perspectivas atuais da saúde ocupacional**. 1 ed. 4. reimpr. São Paulo. Atlas, 2019.

SANTOS, S. D. M. dos. A precarização do trabalho docente no Ensino Superior: dos impasses às possibilidades de mudanças. **Educar em Revista**, Curitiba. 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000400016&script=sci\\_abstract&tIing=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602012000400016&script=sci_abstract&tIing=pt). Acesso em: 10. Jan. 2021.

SORATTO, L.; PINTO, R. M.. Burnout e carga mental no trabalho. In: CODO, W.. **Educação: carinho e trabalho**. Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S.. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5 ed. 18 reimpr. Atlas, São Paulo, 2009.

VASQUES-MENEZES, I.; SORATTO, L. Burnout e Suporte Social. In: CODO, W. **Educação: carinho e trabalho.** Vozes, Rio de Janeiro, 1999.

Recebido em 27 de janeiro de 2021.

Aceito em 15 de abril de 2021.